

INTERAÇÃO NA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: uma análise da ferramenta fórum educacional num ambiente virtual de aprendizagem

Yara Oliveira e Silva

Resumo: Este estudo é oriundo de uma pesquisa qualitativa que investiga a mediação pedagógica na educação a distância (EAD). Discute-se a interação a partir de uma ferramenta disponível nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) que é o fórum educacional. A etnografia virtual permitiu observar a comunicação que ocorre em um fórum de um curso de especialização a distância. Observou-se a comunicação multilateral desde a mensagem de abertura que provocou a discussão do fórum às trocas de mensagens que o percorreram. Os dados revelaram que a interação ocorre na relação cursista-cursista e que se desenvolve conforme a autonomia do estudante para com seu próprio aprendizado. Evidenciou-se a ausência de mediação pedagógica sendo que o fórum se deteve, em grande parte, a monólogos e poucos diálogos, o que, supostamente, foge às expectativas de um fórum educacional.

Palavras-chave: Educação a distância. Ambiente virtual de aprendizagem. Interação.

Introdução

O fórum educacional é uma ferramenta que tem sido amplamente utilizada nos ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) com o propósito de promover a discussão a partir de um tema específico podendo ser um texto, um filme, vídeos, imagens, enfim, vários são os recursos que podem desencadear a discussão em um fórum. A educação a distância (EAD) utiliza tecnologias de informação e comunicação (TIC) na intenção de viabilizar tanto o acesso aos cursos quanto ao uso das diversas ferramentas que dinamizem os ambientes virtuais. Nisso, situa-se o fórum educacional.

Ressalta-se que o fórum amplia a comunicação multidimensional numa estratégia de todos para todos, por tratar-se um ambiente livre em que todos seus participantes podem ler, responder e interagir. Afinal, pode-se dizer que o diálogo estabelecido no fórum condiz com as características da interação em um ambiente virtual de aprendizagem? Essa é a pergunta que norteia esse estudo que busca compreender o processo comunicacional em um fórum.

A edificação da educação a distância

O debate sobre a EAD não é algo novo. Na busca pelas suas origens, encontra-se em Peters (2012, p. 29, grifos do autor) que ela já se fazia presente em práticas epistolares da Igreja Católica quando o apóstolo Paulo utilizou-se da tecnologia da escrita como forma de “substituição da pregação e do ensino face a face por pregação e ensino assíncronos e mediados. E foi uma abordagem baseada na tecnologia, ainda que ‘pré-industrial’”.

Feenberg (2000) menciona a trajetória da educação desde Platão ao atual momento em que a *Internet* possibilita novos espaços de aprendizagem. Segundo o autor, Platão tinha como certo que os meios e a tecnologia poderiam destruir a relação dialógica entre professor e aluno tornando-se uma inimiga das relações humanas. Isso se tornaria, como o vemos hoje, uma característica da vida moderna. Nessa perspectiva, o meio utilizado para nos comunicarmos determina a qualidade das nossas relações. Porém, Feenberg (2000) argumenta que “ao contrário, o impacto social da tecnologia depende de seu desenho e de sua utilização. A escrita pode prestar-se ao diálogo contínuo entre professores e alunos, e o discurso falado facilmente poderia degenerar num monólogo” (FEENBERG, 2000, p. 4).

Ao deparar com a ampliação dos recursos que viabilizam a comunicação, Lévy (1993) apresenta a transição de tempos e de novas formas de comunicação que surgem conforme a sociedade se desenvolve. É o que o autor chama de três tempos do espírito: a oralidade, a escrita e a informática, sendo que o último permite uma relação tempo-espaço imperceptível devido à velocidade com que se processa a informação.

Lemos (2005) afirma que vivemos uma nova era no avanço tecnológico caracterizada como Cibercultura que “se dá com o surgimento da micro-informática nos anos 70, com a convergência tecnológica e o estabelecimento do *personal computer* (PC)”. Segundo ele, trata-se de uma ampliação das formas de conexão entre o homem e as máquinas que tem sido possibilitada por dois fatores. O primeiro se deve ao desenvolvimento do que ele chama de tecnologias nômades, tais como *laptops*, *palms*, *tablets* e celulares. O segundo fator é pelo desenvolvimento da computação ubíqua que aposta na mobilidade e permite amplo acesso as redes, seja por WI-FI, 3G ou *bluetooth*.

A EAD *online* vem sendo impulsionada a partir do emprego crescente de tecnologias em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA). Com isso, atende a uma demanda crescente por formação tanto inicial quanto continuada. Da mesma forma de Moore e Kearsley, Peters (2001) viu a EAD se pautar nos princípios mercadológicos em que o ensino e a formação se caracterizavam pela qualificação do trabalhador para sua atuação na indústria.

Se o século XX iniciou a expansão e favoreceu a democratização do acesso ao ensino tendo a EAD como uma de suas estratégias, certamente, o século XXI realça o que foi iniciado há décadas. Peters (2001) e Belloni (2001) percebem que a EAD vem se solidificando ao mesmo tempo em que ocorrem profundas mudanças sociais, econômicas e políticas no mundo todo.

No Brasil, a educação a distância vem ganhando espaço ao ser ofertada em universidades que integram as chamadas instituições mistas ou, como definem alguns

estudiosos, das instituições com finalidade dupla (BELLONI, 2001), (MOORE e KEARSLEY, 2013), (PETERS, 2001, 2012). Pode ser um gênese dos modelos híbridos (PETERS, 2012) que emergem em universidades brasileiras onde se agregam ensino presencial e a distância.

Pode-se dizer que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996, representou um salto significativo para o reconhecimento da educação a distância como proposta educacional. O Decreto 5.622, de 19 de dezembro de 2005 regulamentou o artigo 80 da LDB 9394/1996. O artigo 1º traz a seguinte definição de educação a distância:

Para os fins deste Decreto, caracteriza-se a educação a distância como modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorre com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com estudantes e professores desenvolvendo atividades educativas em lugares ou tempos diversos.

É perceptível a importância que a educação a distância vem ganhando na elaboração de políticas públicas educacionais, não apenas pelas legislações específicas, mas também pelas diversas associações que a discutem, das quais pode-se citar a Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), criada em 21 de junho de 1995. Essa importância é igualmente retratada nos dados do censo divulgados anualmente tanto pela ABED quanto pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O Conceito de EAD

É comum encontrar uma definição sobre o conceito de EAD ressaltando, como uma de suas principais características, a distância e a ausência de presença física entre professores e alunos virtuais. Toschi (2013) assevera que as relações presença/ausência e distância/proximidade tomam novas dimensões na EAD *online*. Para a autora, “EAD não é sinônimo de educação *online*, assim como presença não é antônimo de distância. O antônimo de presença é ausência. EAD não é estar ausente e isso quer dizer que pode haver presença na distância. A presença é virtual, mas é presença!” (TOSCHI, 2013, p. 24).

Os conceitos sobre o que é EAD têm sido redefinidos e ampliados por autores como Belloni (2001, 2002), Moore e Kearsley (2013), Peters (2001, 2012), Harasim et al (2005) e Toschi (2013). Na busca por uma definição do que é educação a distância, encontra-se em Belloni (2002, p. 156) o seguinte conceito:

A EaD é uma modalidade de ensino, ou seja, deve ser compreendida como um tipo distinto de oferta educacional, que exige inovações ao mesmo tempo pedagógicas, didáticas e organizacionais. Seus principais elementos constitutivos (que a

diferenciam da modalidade presencial) são a descontiguidade espacial entre professor e aluno, a comunicação diferida (separação no tempo) e a mediação tecnológica, característica fundamental dos materiais pedagógicos e da interação entre o aluno e a instituição.

Essa definição elucidada a EAD como uma forma de ensino que se difere do ensino presencial por meio de características pontuais: novos espaços de aprendizagem, nova relação entre professor e aluno e intensificação na utilização de recursos tecnológicos.

Moore e Kearsley (2013, p. 2-3) apresentam a seguinte definição de EAD:

Educação a distância é o aprendizado planejado que ocorre normalmente em um lugar diferente do ensino, o que requer comunicação por meio de tecnologias e uma organização institucional especial (p. 2). Há ainda duas expressões muito utilizadas – e-learning e ensino on-line – que nem sempre se referem ao ensino e aprendizagem. Em e-learning, o prefixo “e” indica “eletrônico” e geralmente significa educação pela Internet. (p. 3)

Harasim et al (2005) utiliza a expressão Comunicação Mediada por Computador (CMC) com um sentido parecido em que os outros autores definem a EAD. Segundo Harasim et al (2005) a CMC está presente nas redes de aprendizagem que são “grupos de pessoas que utilizam as redes de CMC para aprender juntas, no horário, no local e no ritmo mais adequados para elas mesmas e para a tarefa em questão” (HARASIM ET AL, 2005, p. 21). Assim, afirmam ainda que:

Essas redes vêm gerando respostas entusiasmadas de educadores e estudantes, que acham que as tecnologias de rede podem melhorar os meios tradicionais de ensino e aprendizagem e abrir oportunidades totalmente novas para a comunicação, a cooperação e a construção do conhecimento. Num mundo em que as rápidas transformações tecnológicas e sociais tornaram o aprendizado perpétuo não apenas possível, mas necessário, a comodidade e a eficácia desse novo modo de aprender transformam-no numa importante força educacional do século XXI (HARASIM ET AL, 2005, p. 21).

A definição apresentada por Harasim ET AL (2005) reafirma a comunicação como uma das características primordiais na educação a distância ou, na comunicação mediada por computador, na terminologia utilizada por eles.

Moore e Kearsley (2013) esclarecem que por mais que se apresente uma vasta nomenclatura, como *e-learning*, ensino *online*, estudo em casa, educação aberta, aprendizado aberto, aprendizado aberto e a distância, a terminologia correta é educação a distância. Segundo os autores,

Além de ser uma expressão que incorpora outras, a educação a distância como um conceito é superior pelas seguintes razões: enquanto incorpora a aplicação de tecnologias, a educação a distância é um conceito multidimensional, uma pedagogia diferente daquela da sala de aula e com uma longa história, o que não ocorre com outras expressões mencionadas. A história da educação a distância inclui uma filosofia distinta de abrir o acesso ao aprendizado, pois tem formas de organização distintas (MOORE e KEARSLEY, 2013, p. 5).

A partir dessa conceituação, entende-se que o conceito de educação a distância está conectado a uma organização didático-pedagógica que privilegie essa forma de ensino que se difere do ensino presencial. Logo, os ambientes que a viabilizam tornam-se objeto de investigação uma vez que apresentam estratégias de ensino diferenciadas, conforme veremos a seguir.

O ambiente virtual de aprendizagem

Para falar sobre interação na EAD faz-se necessário compreender o espaço em que essa acontece denominado como ambiente virtual de aprendizagem (AVA). Na busca pela definição do que são os AVA encontramos em Toschi (2011), a seguinte afirmação.

Os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA), ou também denominados AVEA – Ambientes Virtuais de Ensino Aprendizagem, são espaços virtuais usados para ensinar a aprender em projetos formais de educação. São também chamados de sala de aula virtual, pois se destinam a ser espaço de realizar atividades educativas para desenvolvimento de cursos.

A definição do que é um AVA é o ponto de partida para analisar o que ocorre no mesmo: interação, comunicação, diálogo e mediação. Não se trata de um ambiente abstrato, mas dinâmico e planejado minuciosamente para que atenda às necessidades formativas do aluno que estuda a distância. Moore e Kearsley (2013) afirmam que o ambiente virtual possibilita aos alunos encontrar-se *online* tanto síncrona ou assincronamente. Para os autores esses ambientes precisam ser bem aproveitados e, por isso “os criadores de instruções devem definir atividades que envolvem interação dos membros de cada grupo e, talvez, igualmente a interação com grupos em outros locais” (MOORE e KEARSLEY, 2013, p. 26). Os criadores de instrução citados pelos autores são os responsáveis técnico-pedagógicos por trabalhar na estruturação pedagógica dos AVA. É preciso dinamizar o ambiente e explorar suas ferramentas de maneira que ampliem a comunicação para que o aluno a distância não se sinta solitário e tampouco desestimulado.

Ao referir-se sobre a aprendizagem nos AVA, Almeida (2006, p. 210) explica que “o desenvolvimento de atividades em ambientes virtuais com base no diálogo implica o encontro com o outro (professor e alunos), a incorporação da ideias do outro às próprias ideias, a reconstrução de conceitos e a reelaboração das representações expressas pela escrita”. Trata-se, dessa forma, de expandir as interações e de romper com as limitações espaço-temporais existentes na escola tradicional. Isso “possibilita a abertura da sala de aula e dos espaços pedagógicos para o mundo, bem como a integração das organizações

educacionais com os demais setores da atividade humana que também constituem espaços produtores de conhecimentos” (ALMEIDA, 2006, p. 210). Essa ampliação da conectividade com o mundo todo e a dissolução das fronteiras geográficas e culturais permitem que novos conhecimentos sejam produzidos e socializados por meio dos AVA. Não existem limites que impeçam o acesso às informações disponíveis na *Internet*, assim como a produção do conhecimento ganha fôlego em novos espaços.

Esse ambiente de aprendizagem que tem sido cada vez mais utilizado nos cursos a distância é analisado por Peters (2012). Para ele, não se trata de uma simples diferenciação entre espaços de aprendizagem reais e virtuais. Os espaços reais, segundo Peters (2012) são os espaços de aprendizagem tradicionais em ambientes presenciais. Já o virtual, para o autor, apresenta-se metaforicamente como falta de limites, de incerteza, de inconcebibilidade e vacuidade que impressionam na tela de um monitor. “É esse espaço não definido no qual as ações educacionais agora devem ‘ter lugar’ e no qual as funções de ensinar e aprender devem ser exercidas” (PETERS, 2012, p. 139. Grifos do autor). Com isso, os AVA precisam encorajar os alunos a vivenciarem um mundo virtual que não menospreze o mundo real.

O AVA convida aos estudiosos a refletirem sobre a sua estrutura pedagógica. Não se trata meramente de transpor modelos de um ensino tradicional baseado na presencialidade para um mundo virtual. Do ponto de vista pedagógico, espera-se uma nova abordagem pedagógica pensada exclusivamente para atender às necessidades do AVA (PETERS, 2012).

Logo, a dinamicidade dos AVA estabelece conexão com as tecnologias de informação e comunicação que podem contribuir para ampliar o acesso e possibilitar o diálogo por meio de diversas ferramentas, das quais, nesse estudo, exploramos o fórum educacional.

Interação no fórum educacional

O fórum educacional é uma ferramenta disponível nos ambientes virtuais de aprendizagem com o propósito de viabilizar a discussão a partir de um tema específico. Nele ocorre a troca de mensagens permitida por uma comunicação assíncrona, o possibilita ampla participação sem restrição de horários ou locais, já que seu acesso é feito utilizando uma máquina conectada a *Internet*. Santos afirma que

A interface fórum permite o registro e a comunicação de significados por todo o coletivo através da tecnologia. Emissão e recepção se imbricam e se confundem permitindo que a mensagem circulada seja comentadas por todos os sujeitos do processo de comunicação. A inteligência coletiva é alimentada pela conexão da própria comunidade na colaboração todos-todos. Essa é uma das características fundamentais do ciberespaço (SANTOS, 2003, p. 11).

Sobre o ciberespaço e comunidades virtuais, cabe retomar Lévy (2007) ao relatar que o mundo virtual permite muito mais do que uma simples troca de informações, mas admite pensar juntos, resgatar as memórias e projetos que aceitem produzir o que ele chama de cérebro cooperativo. Para que isso se concretize, é necessário que haja interação.

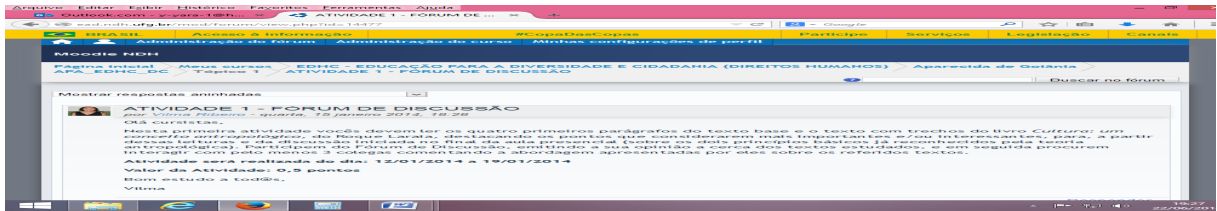
Na busca pela definição do que é interação, encontra-se em Belloni (2001) a diferença entre interação e interatividade que, segundo a autora, esses dois conceitos são tratados quase como sinônimos. Todavia, são pontualmente diferentes. A interatividade é um conceito que se constrói em consonância com o uso intensivo de tecnologias, do aparato técnico que permite ao usuário interagir com uma máquina. Belloni (2001) afirma que a potencialidade técnica oferecida pelos meios utilizados e a ação do indivíduo que interage com a máquina definem o conceito de interatividade. Já a interação “é a ação recíproca entre dois ou mais atores onde ocorre intersubjetividade, isto é, encontro de dois sujeitos – que pode ser direta ou indireta (mediatizada por algum veículo técnico de comunicação, por exemplo, carta ou telefone)” (BELLONI, 2001, p. 58). Para a autora, a interação é um atributo pessoal que envolve alunos e professores numa situação de aprendizagem a distância. O meio utilizado é apenas o recurso que pode viabilizar a interação, mas não é ele quem a faz.

Com isso, as tecnologias ampliam as possibilidades de interação mediatizada assim como oportunizam a interatividade com recursos variados disponíveis nos cursos a distância. Segundo Belloni (2001),

As técnicas de interação mediatizada criadas pelas redes telemáticas (*e-mail*, listas e grupos de discussão, *webs sites*, etc.) apresentam grandes vantagens pois permitem combinar a flexibilidade da interação humana (com relação à fixidez dos programas informáticos, por mais interativos que sejam) com a independência no tempo e no espaço, sem por isso perder velocidade (BELLONI, 2001, p. 59).

A partir da definição de interação, propõe-se a analisar como ela acontece em um fórum educacional. Para isso, foi escolhido o fórum de uma disciplina ofertada em um curso de especialização *lato sensu*.

A priori, observou-se a interação multidimensional englobando cursistas-cursistas e cursistas-professor. A mensagem inicial do fórum postada pelo orientador acadêmico da disciplina orienta a discussão a ser feita e pede uma postagem realizada pelo cursista e a interação com pelo menos três colegas, conforme demonstrado no recorte de tela que segue:



Buscou-se dados para analisar se a interação ocorreu conforme proposto pelo orientador acadêmico. No total, participaram desse fórum vinte e um cursistas e o orientador acadêmico. Após quantificar as participações no fórum, chegou-se ao seguinte resultado:

Quadro 1: quantidade de postagens no fórum

Quantidade de postagens realizadas pelos cursistas			Quantidade de mensagens em que os cursistas interagiram no fórum com outros cursistas			
1 postagem	2 postagens	3 postagens	1 interação	2 interações	3 interações	4 interações
11	6	3	6	7	6	1

Fonte: elaboração própria com base nos dados coletados no fórum educacional.

Interpretando esse quadro percebe-se que dos vinte e um cursistas apenas um não fez sua própria postagem e se ateu a interagir com os demais. Em relação à quantidade de interações totalizou-se quarenta e duas mensagens que foram postadas no intento de estabelecer o diálogo cursista-cursista, sendo que seis cursistas interagiram apenas um vez, sete interagiram duas vezes (que foi o solicitado pelo tutor a distância), outros seis cursistas interagiram três vezes e apenas um interagiu quatro vezes.

Já a interação professor-cursista não foi estabelecida diretamente. Além da mensagem de abertura do fórum, foram feitas apenas três postagens amplas e indiretas, ou seja, generalizou à todos os cursistas e não estabeleceu comunicação com nenhum especificamente, conforme apresentamos a seguir:

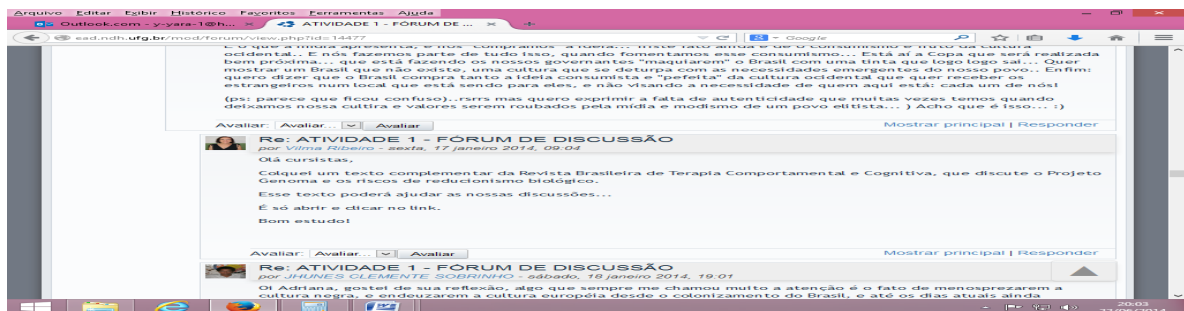
Mensagem 1 postada pelo tutor a distância:



Mensagem 2 postada pelo tutor a distância:



Mensagem 3 postada pelo tutor a distância:



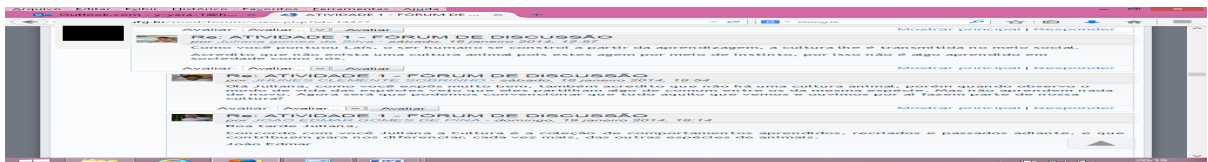
Pode-se observar que o conteúdo das duas primeiras mensagens se restringe a chamar a atenção dos cursistas para participar do fórum. Percebendo a pouca participação, a terceira mensagem contém anexado um *link* que direciona a um texto complementar para auxiliar nos estudos de forma que, supostamente, provoque mais participações a partir da proposta desse fórum. É perceptível a interação mediatizada conceituada por Belloni (2001) que se atém ao uso de recursos que podem ser utilizados nos AVA. Todavia, a interação mediatizada requer a combinação dos recursos com a interação humana, conforme apresentado por Belloni (2001) o que, nesse caso, não ocorreu na relação professor-cursista. Já a interação cursista-cursista aconteceu e rendeu algumas discussões no fórum.

Destaca-se a participação de alguns cursistas no que se refere a sua postagem e a interação estabelecida com outros três colegas. Para isso foram feitos dois recortes. O primeiro é o cursista A que interage com os cursistas B, C e D. No segundo recorte destaca-se a postagem da cursista E.

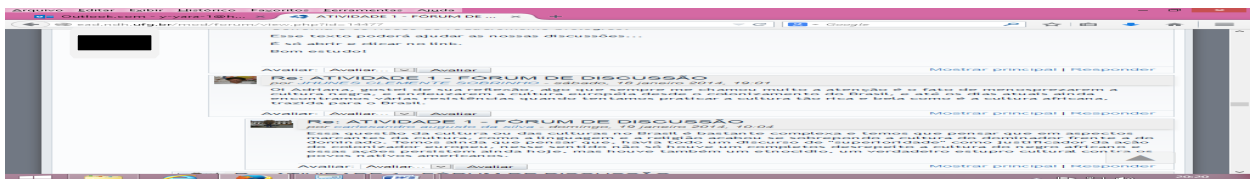
Postagem do cursista A em relação à atividade:



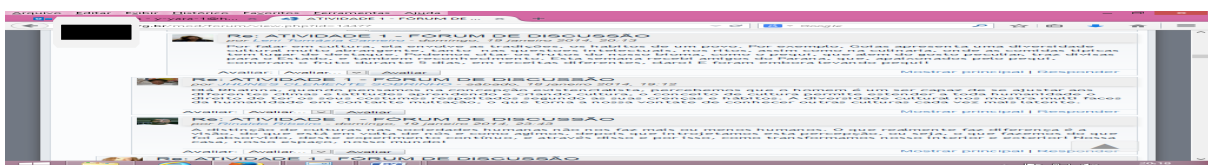
Interação cursista A com cursista B:



Interação cursista A com cursista C:



Interação cursista A com cursista D:



A leitura do conteúdo das mensagens e do período de tempo dedicado às mesmas permite fazer alguns apontamentos. Pressupõe-se que o cursista tenha dedicado tempo para leitura do material disponibilizado para discussão nesse fórum assim como tenha lido as mensagens postadas pelos demais cursistas a fim de interagir com os mesmos.

O que se observa é a ausência de continuidade desse diálogo. Mesmo quando o cursista realiza um questionamento ao interagir com a cursista B foi percebido que ali essa interação já se encerrou. Dessa forma a comunicação foi abortada e não permitiu a ação recíproca entre os sujeitos, conforme o proposto por Belloni (2001).

Fere-se também as expectativas levantadas para se desenvolver a aprendizagem nos AVA que, como afirma Almeida (2006), espera-se que as atividades sejam promovidas por meio do diálogo e no encontro com o outro a partir da reconstrução de conceitos, sobretudo nas representações da escrita. Essas reconstruções e representações não foram percebidas no primeiro recorte feito para esse estudo.

O diálogo “não é o mesmo que interação, embora as interações sejam necessárias para criar diálogo” (MOORE e KEARSLEY, 2013, p. 296). Trata-se, segundo os autores, de uma interação ou uma série de interações com qualidades positivas que podem ser ausentes em outras formas de comunicação. Espera-se, pelo diálogo, que se tenha um ouvinte respeitoso e participativo e que haja contribuições mútuas entre os que participam de um diálogo.

Essas representações do diálogo e da interação puderam ser percebidas no segundo recorte onde os cursistas interagem e dialogam com mais intensidade.

Postagem do cursista E em relação a atividade:

Arquivo Editar Egihr Histórico Favoritos Ferramentas Ajuda

Outlook.com - y.yara.1@h... x ATIVIDADE 1 - FÓRUM DE ... x

ead.ndh.ufg.br/mod/forum/view.php?id=14477

poucos registros de aplicação da lei pelo Judiciário, a norma teve grande importância simbólica para o combate ao racismo. O entrevistado também fala sobre o Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010) e a instituição das cotas para o ensino superior. Assista ao vídeo em www.youtube.com/stf

Avaliar: Avaliar... Avaliar

Mostrar principal | Responder

Re: ATIVIDADE 1 - FÓRUM DE DISCUSSÃO
por rhainna iannari gomes lima de queiroz - segunda, 13 janeiro 2014, 10:56

Analisando o tema, sob o aspecto antropológico, destaquerei a ideia de que não se faz juízo de valor entre culturas, ou seja, não há hierarquia entre elas. Não há do ponto de vista antropológico, consenso de conceitos, porém atendem à dois princípios básicos: De que a capacidade de produzir cultura é inerente ao ser humano e de que toda e qualquer sociedade possui cultura. Cada grupo possui modo de vida distintos, formas específicas de se organizar, entender e explicar o mundo. Esses grupos se diferenciam por sua história cultural, o comportamento dos indivíduos se diferencia pelo aprendizado e pelo chamado processo de endoculturação, para Tyler cultura é todo comportamento aprendido. Os antropólogos, além do determinismo genético, também refutam o determinismo geográfico, afirmando que a cultura age seletivamente e não casualmente, portanto o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado e não depende de sua herança genética ou do espaço em que vive. Neste sentido percebo que o conceito antropológico de cultura é diretamente relacionado aos pensamentos existencialistas de Rousseau e Sartre sobre a natureza humana, de que o homem se socializa estabelecendo assim uma moral de ordem convencional. E, quando se diz que "o homem é produto do meio", concordo que o homem é produto de sua cultura que por sua vez é produto do meio.

Avaliar: Avaliar... Avaliar

Mostrar principal | Responder

Re: ATIVIDADE 1 - FÓRUM DE DISCUSSÃO
por DILVA FERREIRA MENDONÇA - quarta, 15 janeiro 2014, 13:42

Oiá, Rhainna,

ESSET NOD32 Antivirus

O banco de dados de assinatura de vírus foi atualizado com sucesso para a versão 9988® (20140623).

15:28 23/06/2014

Essa postagem desencadeou treze mensagens sendo que cinco interagiram diretamente com a cursista E e oito estabeleceram o diálogo direto com outros participantes que também comentaram a postagem inicial, estabelecendo assim uma interação indireta com a cursista E. Devido a limitação de páginas não será possível reproduzir todo a interação que ocorreu. Nesse caso, a interação cursista-cursista se fortaleceu pela presença da interação pautada no diálogo (MOORE e KEARSLEY, 2013). Além disso, permitiu a reconstrução e novas representações mediante os conceitos discutidos, conforme é apontado por Almeida (2006).

O segundo recorte evidencia uma autonomia por parte dos cursistas que estabeleceram, mesmo sem a interação com o orientador acadêmico, o diálogo profícuo que resultou em diversas discussões e reconstruções. “O conceito de autonomia do aluno significa que os alunos têm capacidades diferentes para tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado” (MOORE e KEARSLEY, 2013, p. 301). Cabe-lhe determinar seu próprio plano de estudo, assumir responsabilidades no que se refere a própria aprendizagem e processos avaliativos. Todavia, conforme asseveram os autores, o conceito de autonomia do aluno é bastante relativo e não se pode esperar que todos possam desenvolvê-la.

Analisando os dois recortes feitos para fundamentar esse estudo, talvez, possa-se afirmar que faltou um elemento necessário para que essa aprendizagem se desenvolvesse que é a mediação pedagógica no ambiente virtual. A interação foi estabelecida seguindo, sem sua maioria, às exigências de uma postagem e três interações, mas faltou em alguns momentos alimentar a produção de conhecimento, as reconstruções conceituais e desencadear a discussão que não se prendesse apenas às questões técnicas e burocráticas de cumprir com o dever que lhe foi solicitado.

Com isso, o papel do professor que atua nos ambientes virtuais de aprendizagem ultrapassa as características fixas de transmissão de conteúdos, mas ele interage, intervém didaticamente. Como afirma Lenoir (2011, p. 27), o professor torna-se um “mediador intrínseco cujo papel é capital no processo de ensino-aprendizagem”.

Libâneo (2001) afirma que a mediação didática docente apresenta uma nova concepção de didática que ultrapassa seu caráter instrumental e avança para um trabalho mais elaborado por parte do professor. Não se trata de transmitir, mas de mediar, de colocar-se entre o conhecimento e o aluno, de propiciar ao aluno que ele desmistifique os conhecimentos científicos e os traga para sua vida social e cultural

Enfim, o fórum educacional é uma importante ferramenta que pode estabelecer o diálogo, a interação e a mediação pedagógica. Não basta apenas ter a ferramenta disponível, mas a mediação por parte de seus interlocutores é fundamental para que a aprendizagem se desenvolva. Caso contrário, ter-se-á a tecnologia e não se produzirá nenhum efeito a partir da mesma ao mesmo tempo em que acontece uma enganosa forma de interação pautada pela ausência de diálogo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, Marco (org). *Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2006

BRASIL Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Fixa diretrizes e bases da educação nacional. Brasília – Subsecretaria de Edições Técnicas, 2005.

BRASIL, Decreto 5622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o art. 80 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5622.htm. Acesso em 21 nov. 2013

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FEENBERG, Andrew. La enseñanza “online” y las opciones de modernidad. Disponível em http://www.sfu.ca/~andrewf/books/Spain_La_ensenanza_online_y_las_opciones_de_modernidad.pdf. Capturado em 05 de junho de 2013.

FRANCO, Maria Laura Publisi Barbosa. *Análise de conteúdo*. 2 ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

HARASIM, Linda (et. al.). *Redes de Aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem online*. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

HINE, Christine. Etnografia virtual. UOC Colección: "Nuevas Tecnologías y Sociedad". Disponível em http://www.4shared.com/office/gHxTZcoK/Hine_Christine_-_Etnografia_vi.html. Capturado em 10 de maio de 2013.

LEMOS, André. *Cibercultura e Mobilidade. A Era da Conexão*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj – 5 a 9 de setembro de 2005. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1465-1.pdf>. Capturado em 10 de abr. 2014.

LENOIR, Yves. A intervenção educativa, um construto teórico para analisar as práticas de ensino. Tradução de Joana Peixoto e Cláudia Helena dos Santos Araújo. *Revista Educativa*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 9-38, jan./jun. 2011

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo - SP: Editora 34, 1993.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* 8 reimp. Tradução: Paulo Neves. São Paulo - SP: Editora 34, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos. *Fundamentos teórico-metodológicos da pedagogia crítico-social* (perspectiva histórico cultural). Disponível em professor.ucg.br/SiteDocente/admin/.../Pedagogia%20criticosocial.doc. Capturado em 12 de julho de 2013.

MOORE, Michael. G.; KEARSLEY, Greg. *Educação a distância: sistemas de aprendizagem on-line*. Tradução: Ez2Translate. Revisão técnica: Renata Aquino Ribeiro. 3 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

PETERS, Otto. *A educação a distância em transição: tendências e desafios*. Trad. Leila Ferreira de Souza Mendes. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2012.

PETERS, Otto. *Didática do ensino a distância: experiências e estágios da discussão numa visão internacional*. Tradução: Ilson Kayser. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

SANTOS, Edméa Oliveira. Ambientes virtuais de aprendizagem: por autorias livre, plurais e gratuitas. In: *Revista FAEBA*, v.12, no. 18.2003. Disponível em <http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/hipertexto/home/ava.pdf>. Acesso em 10 jun. 2014.

TOSCHI, Mirza Seabra. *Docência nos ambientes virtuais de aprendizagem*. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0409.pdf>. Capturado em 01 de agosto de 2013

TOSCHI, Mirza Seabra. Políticas de EAD - limites e perspectivas. In: _____. (org). *Docência nos ambientes virtuais de aprendizagem: múltiplas visões*. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2013.